

Nos confins da tradução: Deslocamentos de Paul Vidal de La Blache no Brasil (1943-2019)

At the confines of translation: Paul Vidal de La Blache's displacements in Brazil (1943-2019)

Aux confins de la traduction: Les déplacements de Paul Vidal de La Blache au Brésil (1943-2019)



Guilherme da Silva Ribeiro

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Seropédica - Rio de Janeiro - Brasil

lapehge@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa a refazer o percurso das traduções do geógrafo francês Paul Vidal de la Blache no Brasil desde 1943 a 2019. Mobilizando referências metodológicas associadas à Psicanálise, ao Pensamento Decolonial e à Antropofagia modernista, o objetivo é mostrar que a escolha dos textos opera tanto em termos intelectuais quanto políticos e acabou por desdobrar-se em dois momentos específicos da recepção das ideias de Vidal de la Blache no Brasil, os quais designamos por “canonização” (1943-1982) e “descanonização” (1999-2019). A conclusão sublinha o papel tão central quanto negligenciado das traduções e das línguas no entendimento da imagem de Vidal de la Blache em uma nação francófona periférica como o Brasil.

Palavras-chave: História da geografia brasileira. Tradução de Vidal de La Blache. IBGE. Revistas. Cursos de mestrado e doutorado.

Abstract: This article aims to retrace the political and intellectual ways assumed by Paul Vidal de la Blache's Brazilian translations from 1943 to 2019. In mobilizing methodological orientations related to Psychoanalysis, Anthropophagy movement, and Postcolonialism, I show the preponderant role of journals on the characterization of two different moments concerning Paul Vidal de la Blache's Brazilian circulation: the “canonization” from 1943 to 1982 and the

“decanonization” from 1999 to 2019. In a peripheral and francophone country, my conclusion is that translations and languages had a key role in the comprehension of Paul Vidal de la Blache's legacy.

Keywords: History of Brazilian geography. Vidal de la Blache' translations. IBGE. journals. Master and Ph.D. courses

Résumé: Cet article vise à refaire les parcours politico-intellectuels des traductions du géographe français Paul Vidal de la Blache au Brésil de 1943 à 2019. En mobilisant des références méthodologiques associées à la Psychanalyse, l'Anthropophagie moderniste et au Postcolonialisme, on veut montrer l'intervention prépondérante des revues en ce qui concerne à deux moments différents de la circulation de Vidal de la Blache au Brésil: la « canonisation » (1943-1982) et la « décanonisation » (1999-2019). On peut conclure en soulignant le rôle si central que négligé des traductions et des langues dans la compréhension de l'image de Vidal de la Blache dans un pays périphérique francophone comme le Brésil.

Mots-clés: Histoire de la géographie au Brésil. Traductions de Vidal de la Blache. IBGE. Revues, Programmes de master et de doctorat.

Introdução

O artigo em tela pretende seguir as traduções do geógrafo francês Paul Vidal de la Blache (1845-1918) publicadas no Brasil entre 1943 a 2019. Em um país cujas elites foram notadamente francófonas desde pelo menos o desembarque da Família Real Portuguesa em 1808 e no qual os primeiros cursos de geografia na Universidade de São Paulo e na Universidade do Brasil nos anos trinta do século passado foram fundados por meio do suporte pessoal e teórico dos integrantes da Missão Francesa tais como Monbeig, Deffontaines, Ruellan, Lévi-Strauss e Braudel, por que estudar os textos de Vidal de la Blache em língua portuguesa? Nossa pesquisa explica-se por duas razões: primeiramente, a despeito da variedade de dialetos indígenas e da semelhança do português com o espanhol, em um país de dimensões continentais como o Brasil reina absoluta uma única língua. De acordo com levantamento promovido pelo British Council em 2012, apenas cinco por cento dos brasileiros falam inglês. Portanto, não é difícil constatar o papel da tradução como um recurso vital em termos de circulação das idéias para um público mais amplo. Neste contexto, a segunda razão é a vontade de abordar a história da Geografia brasileira a partir da influência dos idiomas estrangeiros; de refletir sobre seus caminhos e descaminhos por meio da reinterpretação do que vem do exterior.

A origem desse artigo reside em nosso próprio trabalho como tradutor de Vidal de la Blache e de outros geógrafos franceses desde o ano de 2006. Seduzido pelas faces estética e sonora da língua francesa e imbuído da necessidade de enriquecer o repertório didático do campo da história da geografia à disposição dos alunos, que nos seja permitido confessar nossa absoluta negligência diante do alcance político da tradução e da clivagem entre língua dominante e língua dominada (Casanova, 2015). Graças à literatura acerca dos resultados negativos da hegemonia do inglês sobre o “mercado” de bolsas, publicações e circulação acadêmica em geral (Minca, 2000; Desbiens & Ruddick, 2006; Garcia-Ramon, 2003; Aalbers, 2004; Germes & Hussein de Araújo, 2016), fomos constatando (com notório atraso, infelizmente)

como a tradução não é um trabalho ingênuo, mas um processo de seleção e de exclusão de uns em relação a outros. Tudo isso nos leva a conceber a seguinte hipótese: em linhas gerais, as traduções de Vidal de la Blache que circularam entre nós estavam intimamente ligadas ao imperativo de modernizar e de legitimar revistas como o *Boletim Geográfico* do IBGE a partir dos anos quarenta e a *Geographia* (UFF) desde 1999. Assim, a imagem “brasileira” de Vidal de la Blache retratava um geógrafo possibilista, regionalista e indiferente à geopolítica em uma direção em tudo convergente com as interpretações de Febvre e Lacoste nos anos de 1920 e 1970, respectivamente (Febvre, 1991 [1922] ; Lacoste, 1988 [1982]). Tão consagrada quanto empobrecida, tal imagem só seria interrogada graças às traduções publicadas em português na virada do século XX para o XXI, quando emergia então um geógrafo em sintonia com os desafios econômicos e políticos de seu tempo e com os esforços teóricos requeridos para a sustentação do jovem domínio da geografia humana. Assim, se inicialmente as traduções atuaram no sentido de “canonizar” (vide Keighren, Abrahamsson, Della Dora, 2012) o pensamento vidaliano, por outro lado elas também serviram para fins de “descanonização” décadas depois. Isso revela seu poder capaz de transformar as narrativas ao redor da história da geografia.

O presente texto organiza-se em quatro partes: a primeira é uma exposição teórica visando mobilizar a psicanálise, o conceito de *antropofagia* oriundo do modernismo paulista e o pensamento decolonial rumo aos aspectos políticos das línguas no âmbito da modernidade/colonialidade (Ottoni, 2005; Andrade, 2017 [1928]; Mignolo, 2003 [2000]). A seguinte é uma recuperação analítica das traduções em português de Vidal de la Blache entre 1943 e 1982 (período da “canonização”) a fim de identificar os responsáveis pela circulação tais como tradutores, periódicos, fontes originais e o contexto intelectual como um todo. Aqui, a predominância do IBGE é essencial. A terceira parte registra o momento em que os tradutores reverterão a imagem vidaliana acima citada. De 1999 aos nossos dias, a “descanonização” associa-se diretamente à proliferação dos cursos de mestrado e doutorado e ao surgimento

de novas revistas de geografia. A parte final dedica-se a recuperar a argumentação como um todo à guisa de conclusão.

Transferência psicanalítica, antropofagia modernista e ferida colonial no Sul Global: em direção a uma teoria da tradução

As Iniciemos de forma voluntariamente ingênua: a tradução é um métier bastante sedutor em termos intelectuais. O domínio de uma língua estrangeira, o esforço em captar o espírito do autor traduzido e a habilidade em selecionar as palavras mais adequadas da língua-alvo: eis o casamento perfeito a orientar acadêmicos em direção à tradução. Se a língua-fonte for o francês, seu prestígio faz com que a tradução seja revestida de uma espécie de cobertura, de blindagem em relação a outros elementos integrantes do ato de traduzir. Enquanto tal, a tradução pertence ao universo sagrado das palavras, à esfera das letras, à literatura. Trata-se de algo um tanto quanto mitológico no sentido de que parece distante e, às vezes, quase inatingível, pouco importando assim o nome, o rosto, a vida e a trajetória dos tradutores. Restrita ao aspecto textual, a tradução torna-se porém facilmente encontro de culturas, diálogo sem fronteiras, trocas entre idiomas. Entretanto, após quase um século de estudos universitários de geografia, as relações envolvendo tradução, língua e circulação global da ciência apresentam-se cada vez mais importantes se quisermos apreender a história da geografia para além das “Escolas Nacionais” e a partir de suas especificidades em países periféricos como o Brasil. Para além das afinidades “objetivas” e afastando qualquer tipo de maniqueísmo nacionalista, sabemos bem o peso “subjetivo” exercido pelas ideias estrangeiras nas universidades do Sul Global. Em retrospectiva, hoje percebemos que elegemos inconscientemente temas e objetos de pesquisa a partir dos quais poderíamos alcançar as “maravilhas” do exterior. Era um movimento para chegar ao centro: uma maneira de tentar ser o centro ou, pelo menos, seu representante. Um representante bastardo, evidentemente. Logo, traduzir representou o resultado de um movimento caracterizado por certa “duplicação” do

estrangeiro. A Psicanálise ajuda a iluminar nosso pensamento ao observar que “os efeitos do inconsciente são notadamente os da linguagem” (Porter, 1989, p.1083) e que o processo desenvolvido entre paciente e analista denominado transferência pode também ocorrer entre tradutor e traduzido (Ottoni, 2005). Por mais dramática e sintomática que seja a fórmula a unir amor e ódio em uma mesma balança (Freud, 2001 [1930]), nossos laços com a língua francesa não deixam de ser uma tentativa frustrada de tomar posse de alguma coisa a qual, no final das contas, jamais nos pertencerá por inteiro. Um misto de idealismo platônico e repressão freudiana: eis o mal o qual padece o dublê de tradutor e de geógrafo. O idioma traduzido é uma presença longínqua, uma tentativa de ser o que não somos. Um gênero de vingança praticado na “periferia” para mostrar ao “centro” que seu poder existe mas pode ser deformado, deslocado, obrigado a se exprimir e a circular em uma língua a qual ele não conhece mas sem a qual ele teria dificuldade de exercer sua hegemonia. Sob esta perspectiva, a tradução pode ser definida como o exílio da língua-fonte e não a sua acolhida em uma atmosfera familiar e hospitaleira. Um gênero de rapto. A vontade de engolir a língua dentro da língua, a língua da língua. Por que não?

Empregamos a palavra engolir a fim de evidenciar a vereda aberta pelo modernismo brasileiro nos anos vinte sob o nome de antropofagismo e que consiste na incorporação de elementos estrangeiros porém sem copiá-los e na valorização da cultura nativa visando inventar uma ideologia capaz de ultrapassar o formalismo e o galicismo então recorrentes (Andrade, 2017 [1928]). Após ter inspirado o conceito de tradução criativa elaborado pelo poeta concretista e tradutor Haroldo de Campos nos anos sessenta (Campos, 2006 [1963]), a herança antropofagista tem sido retomada em nossos dias como instrumento teórico de contestação às imposições intelectuais e às assimetrias linguístico-acadêmicas vindas do exterior (Santoro & Buarque, 2018:10). Esse tom crítico permite estabelecer uma ponte entre o vocabulário psicanalítico acima evocado e as apreciações formuladas pelo decolonialismo. Do martinicano Fanon ao camaronês Mbembe passando pela portuguesa

Kilomba, todos estão convencidos da existência de uma gama de neuroses enraizadas na gênese e no desenvolvimento do racismo, do machismo e do ethos da civilização judaico-cristã como um todo (Fanon, 2008 [1952]; Mbembe, 2018 [2013]; Kilomba, 2019 [2008]). Suas reflexões nos conduzem a duas interrogações: quem somos nós quando escrevemos um trabalho acadêmico em uma língua que não é a nossa? Quem somos nós quando traduzimos no Sul Global um texto proveniente de uma língua dominante do Norte? Ao levantar a questão de quem ele é e constatar que a resposta se localiza precisamente no homem branco, o homem negro cai em uma profunda crise identitária a qual o perseguirá por toda a vida (Mbembe, 2018, p. 62 [2013]).

Na condição de tradutor amador de textos geográficos em francês (majoritariamente) desde 2006, Mbembe nos fez perceber quem éramos ao realizarmos tal ofício. Foi como se desvelássemos suas margens, suas bordas, seus desvios. Os aspectos psicanalíticos da tradução e das línguas saíram dos livros e estavam agora todos juntos defronte a nós a perguntar: e agora? Em um país multilíngue como o Brasil, optamos por dominar o francês. Em um país pleno de geógrafos merecedores de relevo, decidimos nos confundir com Paul Vidal de la Blache. Obviamente, não é o caso de adotar nenhum tipo de maniqueísmo, mas de insistir nas sequelas da colonização europeia sobre o imaginário epistemológico, político e linguístico inerente à constituição das Humanidades em geral e da história da geografia em particular (Quijano, 2010). Ao desconstruir a ideia de América Latina para reelaborá-la sob novas bases, Mignolo identifica uma “ferida colonial” aberta por espanhóis, portugueses, franceses e criollos nos povos nativos cujas consequências são fortemente sentidas até hoje. Papel fulcral teve a língua ao auxiliar as distinções selvagem-civilizado, atraso-progresso e natureza-cultura: “Os falantes de quéchuá e de aimará que viviam na 'América do Sul' sofreram um duplo apagamento na hierarquia dos conhecimentos iluministas. A língua sempre foi um obstáculo para os intelectuais “latino-americanos”, os quais enfrentavam o dilema de quererem ser modernos percebendo, no mesmo movimento, que estavam nos confins da modernidade” (Mignolo, 2007, p. 94 [2005]. Tradução e itálico nossos).

Depreende-se disto que as desigualdades linguísticas também se exprimem por meio das traduções. Em seus esforços por compreender o “centro”, os intelectuais “confinados” não têm outra saída senão a diglossia. Segundo Casanova, tradução e dominação são sinônimos. Mais que um recurso linguístico, traduzir é um gênero de submissão em relação a uma língua preponderante (Casanova, 2015). No caso brasileiro, somos povoados pelo idioma francês (não de modo passivo e automático, claro) desde o início do século dezenove até a progressiva presença do inglês a partir do fim da II Guerra. Portanto, devemos estar atentos às configurações pelas quais uma plêiade de autores, conceitos e métodos foram deslocados do Norte para o Sul Global via revistas, laboratórios, colóquios e, decerto, tradutores.

Rumo à canonização. As traduções de Vidal de la Blache no Brasil (1943-1982)

No contexto de centralização política e desenvolvimento econômico em que dados demográficos e cartográficos ganham destaque no âmbito da modernização administrativa estatal operada por Getúlio Vargas a partir de 1930 (Penha, 1993), o IBGE tornar-se-á, ainda que na periferia, o *centro de cálculo* (Latour, 2000 [1998]) nacional graças especialmente ao surgimento de dois periódicos editados por uma de suas seções, o Conselho Nacional de Geografia (CNG). Entre 1939 e 1996, a *Revista Brasileira de Geografia* publicou 217 volumes, 1167 artigos e 90 traduções (7.71% do total de artigos), enquanto o *Boletim Geográfico* publicou 259 números, 2381 artigos e 448 traduções (18.81% do total de artigos) entre 1943 e 1978 (ano de sua última edição). Além de demonstrar a vitalidade da produção nacional, tais números revelam também o impacto das trocas com o exterior. Dominado essencialmente pelo francês e pelo inglês mas contando também com espanhol e outros idiomas em menor incidência, a massa de traduções acionada sobretudo pelo *Boletim Geográfico* indica a face transnacional da geografia brasileira (Ribeiro, 2018). Não é mera coincidência, portanto, o fato de a primeira tradução de um artigo de Vidal de la Blache em português ter aparecido nas páginas da edição inaugural do *Boletim Geográfico*. Infelizmente, a revista não registrou nem o tradutor, nem a fonte original, mas tão somente que a versão brasileira de L'enseignement de géographie à

l'École advém da coletânea em espanhol *La enseñanza de la geografía*, cujo prefácio e tradução foram assinados por Angel do Rego junto às *Ediciones La Lectura* de Madrid em 1911 (Gibbs, Levasseur, Sluys, Vidal de la Blache, 1911). Graças à digitalização processada por várias bibliotecas ao redor do mundo, tivemos a chance de encontrar a fonte original em francês: *L'enseignement de géographie à l'École* foi publicada em duas partes no ano de 1907 pela revista *Manuel général de l'instruction primaire*, uma das pioneiras neste terreno desde 1832. A simplicidade do título escolhido por Vidal de la Blache esconde considerações de vanguarda acerca dos métodos e das propostas da geografia moderna, tais como a observação das paisagens a fim de apreender a conexão espacial entre os fenômenos; a Terra como referência para examinar a dinâmica da natureza em termos gerais e locais; a escala-mundo como realidade histórico-empírica engendrada pelo desenvolvimento dos transportes e das comunicações; e as rivalidades em torno dos recursos territoriais entre os Impérios Europeus como parte integrante da geografia política (Vidal de la Blache, 1907). Ciente das carências geográficas dos candidatos à universidade no começo do século vinte na França, o artigo em tela integra os esforços de Vidal de la Blache para aperfeiçoar a geografia escolar (Vidal de la Blache, 1901). Portanto, a tradução *O ensino de geografia na escola primária* (a palavra *primária* foi acrescida à revelia pelo tradutor) no Brasil dos anos quarenta (1943, mais precisamente), isto é, poucos anos depois da abertura dos cursos universitários de geografia, não deixava de ter certa correspondência, *mutatis mutandis*, com a situação francesa descrita por Vidal. Ademais, a tradução também se justificava pelo perfil editorial do *Boletim Geográfico*, cuja mistura de artigos científicos, pedagógicos, políticos e bibliográficos com informações e novidades relativas às leis da administração federal aproximava-se mais de temas escolares que a célebre *Revista Brasileira de Geografia*, votada aos grandes debates científicos, relatórios de viagem e pesquisas encomendadas diretamente pelo governo federal. Essa vontade de renovação explica o aparecimento de uma nova tradução de Vidal de la Blache entre nós. Apenas um ano depois da primeira, o

mesmo Boletim Geográfico publica *Sentido e objeto da geografia humana*. A cargo de Orlando Valverde, o artigo apresenta a definição de uma novidade chamada geografia humana. Apoiando-se sobre a *Antropogeographie* de Ratzel e a *Ökologie* de Hæckel, Vidal de la Blache assinala como o processo histórico e a vida da época, mesmo com as sucessivas vitórias sobre as distâncias marítimas e terrestres, eram inseparáveis do *milieu*. Além de seu alcance metodológico, suas teses também não eram de se negligenciar do ponto de vista empírico. País tropical de extensão continental dotado de heterogeneidade física notável e somando por volta de quarenta e um milhões de habitantes nos anos 1940, conhecer geografia era indispensável para o futuro do Brasil. Um aspecto interessante sobre essa tradução é o seguinte: embora a informação registrada por Valverde diga que ela foi extraída do primeiro capítulo da segunda edição dos *Principes de géographie humaine* de 1956 (livro póstumo de Vidal organizado por seu genro e geógrafo De Martonne no ano de 1922), *Sur le sens et l'objet de la géographie humaine* é originariamente um artigo publicado pela *Revue politique et littéraire* de 1912 (Vidal de la Blache, 1912). Na realidade, esse artigo seria conhecido no Brasil graças ao português Alfredo Fernandes Martins, geógrafo da Universidade de Coimbra responsável pelo prefácio, notas, ilustrações e tradução dos *Princípios de Geografia Humana* junto à editora lusitana Cosmos em 1946. Embora até o momento não tenhamos encontrado nenhuma resenha brasileira sobre essa edição, ela foi mencionada dois anos depois pelo engenheiro e consultor do CNG Moacir Silva em um artigo sobre geografia e literatura divulgado pelo *Boletim Geográfico* (Silva, 1948). Ou seja: o livro não demorou a chegar a esse lado do Atlântico.

Assim, no que tange à circulação científica, não se pode esquecer que as duas primeiras traduções de Vidal de la Blache no Brasil (1943 e 1944) ocorreram em plena II Guerra, ocasião em que o país batalhava junto aos Aliados. Eis a razão pela qual o secretário-geral do CNG, o engenheiro Christovam Leite de Castro, assinou editorial do *Boletim Geográfico* escusando-se pelo atraso no lançamento do número treze do mês de abril de 1944. Afinal, os recursos financeiros estavam sendo consagrados aos esforços de

guerra (Leite de Castro, 1944). De toda maneira, se a vida cultural permanecia ativa mesmo durante a Ocupação Alemã em Paris (Riding, 2012 [2010]) e a despeito das dificuldades materiais enfrentadas para que as revistas de geografia continuassem a ser editadas (Beauguitte, 2008), por aqui a guerra não foi capaz de impedir a francofonia dos nossos geógrafos. Para citar apenas o *Boletim Geográfico*, de 1943 a 1949 ele traduziu 9 artigos em espanhol, 12 em alemão, 44 em inglês e 63 em francês. Entre as fontes dos artigos traduzidos, as três principais foram *Annales de Géographie*, *Geographical Review* e *Bulletin de l'Association de Géographes Français* (contabilizando 9, 6 e 5 aparições, respectivamente). Os geógrafos mais traduzidos foram Monbeig e Deffontaines (Ribeiro, 2018).

A despeito do fato segundo o qual geógrafos franceses de diferentes abordagens como Tricart, Cailleux, George e Rochefort continuassem a ser traduzidos pelas duas revistas do IBGE até a penetração da geografia neopositivista na segunda metade dos anos sessenta trazendo consigo a hegemonia da língua inglesa e de autores anglófonos, seria preciso esperar mais quarenta anos para ler novamente Vidal de la Blache em português e em uma conjuntura importante para a geografia brasileira: a volta de Milton Santos do exílio em 1977, o lançamento de seu livro *Por uma geografia nova. Da crítica da geografia à geografia crítica* em 1978 (Santos, 1978) e a tomada simbólica do poder pelos radicais por ocasião da mítica reunião nacional da AGB em Fortaleza no mesmo ano, bem como o começo do fim da ditadura militar (1964-1985) por meio da lei da anistia em 1979. Em 1982, um dos maiores representantes da geografia quantitativa no Brasil, o geomorfólogo Antonio Christofolletti (UNESP-Rio Claro) edita uma coletânea de artigos pela Difusão Européia do Livro. Composto por quatorze textos (dois em português assinados por ele mesmo, três vertidos do francês e nove do inglês), *Perspectivas da Geografia* expõe a diversidade de métodos de forma didática e isto fez do livro um sucesso em um país sempre à espera de traduções (Christofolletti, 1978). De Vidal de la Blache optou-se por traduzir — graças a Odete Sandrini Mayer, aluna de mestrado de Christofolletti — *As características próprias da geografia*, cujo

original francês *Des caractères distinctifs de la géographie* aparecera nos *Annales de Géographie* setenta anos antes grifando a relevância da descrição e definindo a geografia como ciência dos lugares e não dos homens (Vidal de la Blache, 1913). Ao enfatizar o legado vidaliano como se fora apartado da política e da ação humana, os efeitos deletérios da interpretação da definição acima por Febvre são bem conhecidos e podem ser entendidos como parte de seu projeto interdisciplinar em que a geografia não passaria de uma ciência “modesta” (Febvre, 1991, p.48-72 [1922]). Seu intento em fixar a História no centro das Humanidades nos anos 1920-1930 infelizmente fabricou a ilusão de uma geografia vidaliana alheia à geopolítica e às questões estatais em nome de uma geografia “possibilista” dedicada às relações homem-meio. Em uma resenha de *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire* veiculada nos *Annales de Géographie*, a resposta de Demangeon (co-autor de livro com Febvre sobre o rio Reno e um dos editores dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*) foi clara: os geógrafos não tinham necessidade de ninguém para lhes lembrar dos perigos do determinismo, Febvre não havia assimilado bem o método da geografia humana e cometera um excesso típico de sua personalidade (Demangeon, 1923; Ribeiro, 2009).

Cinquenta anos depois, no intuito de abordar a geopolítica na França sob a ótica da esquerda, inconscientemente Lacoste parece atualizar a verve de Febvre. Ignorando por inteiro a produção sobre as colônias, sobre os antagonismos imperialistas e sobre as novas delimitações fronteiriças da Europa redigidos por Vidal de la Blache, Dubois, Demangeon, Gallois, De Martonne, Bernard e Fallex (Heffernan, 1987, 2001; Boulineau, 2001), ele jura que seus predecessores não enxergaram as conexões entre poder, política e espaço. Originalmente publicado em francês em 1976, *A geografia serve antes de mais para fazer a guerra* circulou ilegalmente no Brasil graças tanto à tradução profissional do português Nuno Messias pela editora lusitana *Iniciativas Editoriais* em 1977 quanto a algumas traduções “piratas” (cf. Moreira, 2000). Em plena ditadura militar, a censura imposta pelo DOPS provavelmente retardou sua ampla difusão por uma década, o que seria interrompido pela

tradução de Maria Cecília França (USP) prefaciada por José W. Vesentini (USP).

Assim, a partir da terceira edição francesa, *A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* desembarca efetivamente nos trópicos pela Papyrus (Lacoste, 1988 [1982]). Durante as décadas de 1970 e 1980 os marxistas locais foram pioneiros na divulgação de livros voltados a esboçar as linhas de força da história da geografia, tais como *Introdução à geografia: geografia e ideologia* (Sodré, 1976); *O que é Geografia* (Moreira, 1980); *Geografia: pequena história crítica* (Moraes, 1981); e *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico* (Andrade, 1987). Baseados em larga medida nas “teses” de Febvre e Lacoste, tais livros contribuíram para fazer de Vidal de la Blache um objeto fora de moda e pertencente ao passado da disciplina.

A título de conclusão dessa seção, gostaríamos de separar dois aspectos: (i) durante a primeira metade do século vinte, as raízes francófonas da geografia brasileira canonizaram Vidal de la Blache. Os argumentos de Febvre moldavam-se bem a um país que elegeu uma missão francesa para legitimar os cursos universitários de Ciências Humanas. Com efeito, acostumamo-nos a ler Vidal de la Blache e os “vidalianos” a partir de uma mirada colonizadamente francófona; (ii) as críticas lacosteanas nos anos setenta forneceram o alibi a partir dos quais os radicais brasileiros rechaçaram Vidal de la Blache. Em síntese, se no começo do século passado estávamos diante de um mestre, um fundador tão blindado quanto simplificado pelo “possibilismo”, a partir dos anos setenta ele tornar-se-ia um regionalista descritivo e alheio à vida política.

Tentativas de descanonização (1999-2019)

Em linhas gerais, no transcorrer das décadas de oitenta, noventa e dois mil pode-se afirmar que a geografia brasileira foi dominada por três acontecimentos: a decadência da geografia ibgeana; a ascendência e a consolidação da abordagem radical nas décadas de 1980 e 1990; e o crescimento exponencial dos cursos

de pós-graduação em geografia no primeiro decênio do século XXI. Após o encerramento das atividades do Boletim Geográfico em 1978, o enfraquecimento da *Revista Brasileira de Geografia* tornar-se-ia visível na segunda metade dos anos 1980 até seu encerramento em 1996. Por outro lado, estimulados por Lacoste, Quaini, Harvey e Lefebvre no plano internacional e por Santos na escala nacional, os geógrafos marxistas brasileiros dedicarão grande parte de seus estudos a mostrar como as contradições capitalistas e as desigualdades sociais estavam diretamente relacionadas à dinâmica da produção do espaço. Entretanto, isso não os impede de traduzir os “clássicos”: atualizando a pegada vidaliana, Sorre é vertido para o português no ano de 1984; para fazer justiça às raízes anarquistas desprezadas pelo *status quo*, Reclus é traduzido em 1985; resgatando a geopolítica, Ratzel aparece praticamente inédito em 1990 (Sorre, 1984; Reclus, 1985; Ratzel, 1990). No bojo da ampliação universitária entre 1978 a 1990 (ver Rodrigues, 2018) e integrando uma campanha da editora paulista Ática destinada à divulgação científica de autores clássicos denominada *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, se a coletânea de Sorre derivou da tese de doutorado do próprio organizador (Megale, 1979), as de Reclus e Ratzel foram organizadas exatamente por dois expoentes da geografia crítica: Correia de Andrade (UFPE) e Robert Moraes (USP).

Impulsionada principalmente pelos governos progressistas de Lula (2003-2011) e Dilma Roussef (2011-2016), grife-se a multiplicação quantitativa e a disseminação espacial dos cursos de mestrado e doutorado em geografia no limiar do presente século (Paes, Corrêa & Marafon, 2019) e o movimento paralelo de revistas pertencentes aos novos programas de pós-graduação. No que diz respeito à tradução, lançado em 1999 o periódico niteroiense *Geographia* (UFF) concedeu a ela espaço privilegiado graças, sobretudo, à seção *Nossos Clássicos*. Embora os franceses ainda ocupem a dianteira (Reclus, Vidal de la Blache, Tricart, Sorre, Dresch, George, Vallaux e outros), uma de suas particularidades é a presença recorrente de alemães vertidos diretamente do original graças, entre outros, ao trabalho de fôlego do ex-aluno de pós-graduação da UFF e atualmente professor Leonardo Arantes

(UERJ)-FFP). Cientes do contraste entre a quase onipresença das traduções francófonas e o sufocamento das traduções alemãs durante todo o século passado, há que se valorizar a inclusão de nomes do porte de Kant, Humboldt, Ritter, Ratzel e Hettner expressando-se no idioma de Machado de Assis. Note-se, ainda, desde 1995, o impacto das traduções anglófonas da revista *Espaço e Cultura* (UERJ) com nomes como Sauer, Mitchell, Duncan, Cosgrove e Driver. Mais recentemente, desde 2011 o periódico *Geograficidade* também vem explorando com regularidade traduções da vertente humanista.

Brevemente esboçado, o quadro acima nos permite captar com mais detalhes a retomada da herança de Vidal de la Blache. Cinquenta anos após o *Boletim Geográfico*, o francês inaugura a já mencionada seção *Nossos Clássicos* com extratos da introdução e da conclusão do famoso *Quadro da geografia da França* (Vidal de la Blache 1999 [1903]). Encarregado da tradução e dos comentários, Rogério Haesbaert (co-fundador da *Geographia*) anota em duas páginas a utilidade de relê-lo a fim de descobrir a riqueza de seu texto, a originalidade de seu método, a interdisciplinaridade e as associações homem-meio e, por conseguinte, a recusar os rótulos de empirismo e subjetividade os quais lhe atribuíram indevidamente (Haesbaert, 1999). Nos anos seguintes, as traduções de Vidal de la Blache em português se multiplicaram: *O princípio da geografia geral* (2001 [1895-1896]) [traduzido por Haesbaert e pelo geógrafo francês Sylvain Souchaud acompanhado de uma pequena nota do primeiro]; *A geografia política. A propósito dos escritos do Sr. Friedrich Ratzel* (2002 [1898]) [traduzido por Haesbaert e por Souchaud acompanhado de uma pequena nota do primeiro]; *Os gêneros de vida na geografia humana. Primeiro Artigo* (2005 [1911]) [traduzido pela socióloga Maria Regina Sader e pela mestrandia Simone Batista com revisão de Haesbaert]; *Estradas e Caminhos da Antiga França* (2006 [1902]) [traduzido por nós e por Haesbaert seguido de uma pequena nota nossa]; *As condições geográficas dos fatos sociais* (2007 [1902]) [traduzido por nós e por Haesbaert seguido de um comentário nosso]; *Lição de abertura do curso de geografia* (2008 [1899]) [traduzido por nós e por Haesbaert seguido de um comentário

nosso]; *Estados e Nações da Europa em torno da França* (extratos) (2009 [1889]) [traduzido por Haesbaert e revisado pela antropóloga e tradutora Roberta Ceva com comentário do primeiro]. Amparados pelo aporte da sociologia do conhecimento, é possível constatar que tanto a *Geographia* quanto o *Boletim Geográfico*, em conjunturas em tudo distintas, adotaram porém a mesma estratégia: traduzir um autor “clássico” estrangeiro como forma de obter legitimidade no seio do campo científico. Diante dessa *transferência de capital simbólico* (Bourdieu, 2002, p. 5 [1990]), observamos que em um país do Sul Global um periódico recém-criado é capaz de agenciar, por meio de traduções, heranças bem estabelecidas como um meio de conquistar prestígio intelectual. Em diferentes momentos da carreira acadêmica e por razões as mais diversas, as traduções relacionam-se a professores almejando uma bolsa de pesquisa ou na obrigação de renová-la, a estudantes de pós-graduação ansiosos por suas primeiras publicações ou a jovens doutores no início de suas trajetórias profissionais, mas também à divisão do trabalho entre orientandos e orientadores ou às revistas sempre em busca de material atrativo para suas edições. No Brasil, talvez não seja exagero pontuar que a transferência de capital simbólico é incrementada quando o dublê de geógrafo e tradutor (*geotradutor*, sugere-se, a fim de entender o papel do tradutor como *agente*) teve passagem pela “metrópole”. Assim, concernente aos tradutores de Vidal de la Blache acima citados, sabemos que nos anos setenta Maria Regina Sader (USP) estudou como exilada na França por causa da ditadura militar brasileira, ao passo que no início dos anos noventa e final dos anos dois mil Haesbaert e Ribeiro fizeram doutorado-sanduíche em Paris frequentando “centros de cálculo” (Latour, 2000 [1998]) como o *Institut d'Études Politiques*, a *Université de Paris-Sorbonne* e a *École de Hautes Études en Sciences Sociales* e orientados por nomes como Jacques Lévy e Paul Claval. Devemos mencionar também o lugar da Aliança Francesa (co-fundada pelo geógrafo Pierre Foncin em 1883 no intuito político-cultural de difundir a língua e a civilização francesas ao redor do mundo), já que Haesbaert foi aluno dela em Paris e Ceva e Ribeiro no Rio de Janeiro. Por sua vez, o campo da história da geografia dava sinais

de maturidade e autonomia com a realização do I Encontro de História do Pensamento Geográfico na Unesp-Rio Claro em 1999 e o nascimento da revista especializada *Terra Brasilis* em 2000.

Em síntese, as traduções de Vidal de la Blache na virada do século não são acidentais, mas o resultado de uma grande *rede* cuja dinâmica só se efetiva quando é capaz de arrastar vários elementos. A internacionalização da geografia brasileira é um destes, com os cursos de pós-graduação e suas bolsas de estudo e pesquisa para discentes e docentes intervindo fortemente no trânsito de autores e idéias oriundos do Norte para o Sul Global. Foi assim que aos poucos a renovadora bibliografia estrangeira sobre Vidal de la Blache chegava ao Brasil seja por meio de citações, seja via traduções (Robic & Ozouf-Marignier 2007 [1995]; Mercier 2009 [1995]). Ressalte-se aqui a produção do grupo parisiense EHGO liderado por Robic e os artigos do *québécois* Mercier sobre a dimensão nacionalista e geopolítica (Ozouf-Marignier & Robic, 1995; Robic, 2000, 2004; Mercier, 1995, 1998, 2001, 2009), além da obra incontornável de Berdoulay (recentemente traduzida por Oswaldo Bueno Amorim Filho), do livro de Sanguin e do pioneirismo de Claval (Berdoulay, 1995 [1981]; Sanguin, 1993; Claval, 1968, 1979. Ver, também, Claval, 1993, 1998). Parecia útil reunir esse material em uma síntese “antropofágica” apta a absorver o pensamento exterior com vistas a engendrar algo novo. Assim, ao lado de Haesbaert e Nunes Pereira, a editora carioca Bertrand Brasil lançou o livro *Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política* (Haesbaert, Nunes Pereira & Ribeiro, 2012) no âmbito do III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e I Encontro Nacional de Geografia Histórica em 2012. Prefaciado por Claval (detentor do capital simbólico necessário para legitimar a obra e bastante conhecido do público brasileiro graças também às várias traduções de seus trabalhos em português), vertido pelos próprios organizadores com a revisão de Nunes Pereira, Roberta Ceva e Eloisa Araújo Ribeiro e contando com problematizações críticas assinadas pelos organizadores, enunciávamos na introdução a intenção de “desanonizá-lo” (Ribeiro, Haesbaert & Pereira, 2012, p. 14), ou seja, de retirá-lo de uma condição caricatural para

destacar suas múltiplas expressões. Em conjunto, emergia no horizonte um Vidal de la Blache atento aos progressos do conhecimento científico sobre a superfície terrestre, às metamorfoses sofridas pelo ambiente causadas pelas técnicas de transporte e de comunicação e aos desafios territoriais da Europa em pleno Imperialismo. Um intelectual a quem etiquetas simplistas em nada correspondiam à fertilidade de seus textos. Estávamos diante de um intérprete da modernidade que havia entendido com clareza o papel da geografia em sua constituição. Havia da parte dos organizadores e tradutores a vontade de problematizar a obra vidaliana para além das condenações de Febvre, Lacoste e dos marxistas brasileiros. Se eles haviam dito que Vidal de la Blache não definira um objeto e um método, o prefácio ao *Atlas général Vidal-Lablache, Histoire et Géographie* (1895) e *La géographie humaine. Ses rapports avec la géographie de la vie* (1903) apontavam o oposto; um geógrafo que fosse refém da escala regional dificilmente teria assinado *La relativité des divisions régionales* (1911) e *L'évolution de la population en l'Alsace-Lorraine et dans les départements limitrophes* (1916); para alguém acusado de fechar os olhos para a geopolítica, *La zone frontière de l'Algérie et du Maroc d'après de nouveaux documents* (1897) e *La carte internationale du monde au millionième* (1910) não têm nada de ingenuidade.

Visando divulgar material que não fora incorporado ao *Vidal, Vidais*, traduziríamos exposição sobre o conceito de paisagem na revista *Mercator* (UFC) denominada *De l'interprétation géographique des paysages* (2008 [1908]). Valendo-nos das características de um periódico franco-brasileiro fundado pelo francês Hervé Théry e pela brasileira Neli Théry sob inspiração da geografia regional de Pierre Monbeig, traduzimos em *Confins* os artigos *Rapports de la géographie avec la sociologie* (2010), *Mission Crampel et Itinéraire Dybowski* (2011) e *L'Afrique Central Française, par Auguste Chevalier* (2011). Os dois últimos foram extraídos da seção *Notes et Correspondances* dos *Annales de Géographie* e seguidos de um breve registro motivado por seu conteúdo geopolítico (Ribeiro, 2010, 2011). Na esteira desse fluxo, naquela que talvez seja a primeira pesquisa de pós-graduação sobre Vidal de la Blache no

Brasil, Larissa Lira (também com passagens pela Aliança Francesa e pela Sorbonne) defende dissertação de mestrado na USP sobre o papel do Mediterrâneo na formulação do método vidaliano (Lira, 2012. A versão livro seria publicada no ano seguinte). Em anexo, duas traduções: *Des rapports entre les populations et le climat sur les bords de la Méditerranée* (2012 [1886], assinada por Lira, e *La péninsule européenne: l'Océan et la Méditerranée* (2012 [1873], por Ribeiro e Lira. Esta última seria publicado em 2013 na seção *Fontes de História, Ciências, Saúde - Manguinhos* seguido de texto redigido por Lira. Nesse mesmo ano, sua dissertação seria publicada em formato livro pela editora paulista Alameda incluindo as traduções (Lira, 2013, 2013a). Em 2014, Ribeiro de Campos faz um pós-doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp intitulado *Análise crítica da obra de Vidal de La Blache e de sua influência no ensino de geografia no Brasil* (Campos, 2018) e, quatro anos depois, surge na UFF-Campos outra dissertação: *A política em Paul Vidal de la Blache: resgate de um ponto-chave*, de Guilherme Queiroz (Queiroz 2018). Finalmente, traduzimos e problematizamos *Sur l'esprit géographique* (2019 [1914]) e *L'éducation des indigènes* (2019 [1897]) para a seção "Clássicos e textos de referência" da *Terra Brasilis*. De um lado, Vidal de la Blache parece antecipar os mal-entendidos derivados de sua afirmação em *Les caractères distinctifs de la géographie* de que a geografia seria ciência dos lugares e não dos homens (Vidal de la Blache, 1913). Lugar, aqui, é um híbrido entre o que está colocado pelo meio físico e as intervenções humanas sobre ele em um processo de constante reconfiguração de ambas as partes. Seu raciocínio não era dicotômico, mas, sim, a expressão de que não se podia decifrar o mundo moderno sem considerar a localização dos fenômenos e os efeitos da circulação transformando a vida de toda a sociedade. O objeto da geografia deveria ser concebido à luz de um método em que *tempo* e *lugar*, *quando* e *onde*, não fossem categorias *a priori*, e sim estivessem submetidas a um entendimento em que uma iluminaria a outra e vice-versa. Sobre a conferência pronunciada em 1897 na União Colonial Francesa nomeada *L'éducation des indigènes*, o argumento segundo o qual a disseminação do ensino da língua francesa entre crianças, mulheres e elites suavizaria as tensões provenientes da

colonização assumiu a condição de álibi perfeito tanto para que traduzíssemos esse “meta-texto” quanto para questionarmos as políticas de tradução perpetradas pela geografia brasileira dos anos quarenta aos dias de hoje.

Conclusão

As tentativas de descanonização a incidirem sobre a imagem brasileira de Vidal de la Blache desde 1999 à atualidade tiveram a intenção preliminar de refletir simultaneamente acerca da escolha de seus textos traduzidos no Brasil e de certas interpretações ao redor de sua herança. Para além da falsa clivagem possibilismo-determinismo e dos rótulos de empirista, passadista e regionalista, as traduções que lhe foram consagradas querem mostrar um geógrafo dedicado aos desafios da modernidade nas escalas local, nacional e global. Além de apresentarem alternativas às leituras de Febvre, Lacoste e dos marxistas brasileiros, tais traduções também chamam atenção para as posições político-colonialistas sustentadas por Vidal de la Blache. Em outras palavras, traduzi-lo não significa qualquer postura apologética, mas o entendimento de que os tradutores não são apenas operadores linguísticos e sim críticos dos autores traduzidos e participantes ativos do processo de ampliação de suas obras — sobretudo em um país periférico em que traduções estão sempre na moda, isto é, ao campo das novidades. Dados os debates envolvendo os papéis da tradução e dos tradutores no âmago das universidades e do mercado editorial americano (Venuti, 2019 [1998]) e por ocasião da descoberta da série de traduções publicadas pela *Revista Brasileira de Geografia* e pelo *Boletim Geográfico*, tivemos a oportunidade de situar nosso próprio trabalho sobre Vidal de la Blache no seio de uma estrutura reticular em que geógrafos, conceitos e autores franceses se reproduziam nos periódicos nacionais. No entanto, o contrário disso, ou seja, a tradução de brasileiros em revistas francesas, nunca aconteceu. Essa condição subordinada de certas línguas em relação a outras é uma estrutura tão poderosa que tanto o processo de modernização da geografia brasileira nos anos trinta e quarenta

quanto o de internacionalização na virada do século ocorreram por meio da tradução de franceses. Eis o que está em jogo: reconhecer o tradutor como agente geográfico e a tradução como objeto ético, político e cultural que vem intervindo diretamente sobre a história da geografia brasileira.

Não se trata de sobrevalorizá-la, mas de problematizá-la visando capturar essa história do ponto de vista de suas redes assimétricas com o estrangeiro tecidas a partir de seu lugar subordinado no mercado acadêmico internacional. Em suma, desnaturalizá-la, ou seja, tomar consciência de que somos intelectuais “periféricos” à mercê da tradição intelectual francesa propagando, *ainda que criticamente*, as idéias importadas do “centro”. Isto significa admitir que somos co-responsáveis pelas desigualdades da estrutura acadêmica geográfica mundial. Enfim, há que se retirar as traduções do silêncio ao qual foram submetidas e convertê-las em objeto e método de investigação de uma história prospectiva da geografia. Afinal, elas não são nem cópias, nem repetições eruditas a serem tragadas por uma história embalsamada da ciência, mas uma sorte de utopia antropofágica destinadas a viabilizar a interrogação permanente de narrativas hegemônicas e de textos canonizados. A partir das traduções podemos examinar com mais clareza os processos pelos quais autores, artigos, línguas e conceitos tornaram-se clássicos ou foram negligenciados. Traduzir é também a ação de atualizar o passado, e é por isto que cremos que estudar os deslocamentos de Vidal de la Blache nos confins da tradução pode acrescentar um pequeno grão de areia à sua fortuna crítica em língua francesa.

Agradecimentos

Esse texto integra o projeto sob nossa liderança Centro de cálculo, redes de circulação e história da geografia: o caso da Revista Brasileira de Geografia do IBGE (1939-1996) contemplado pelo edital Faperj “Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro” em 2019. Levou-nos a escrevê-lo também nossa participação na mesa *Revisiter la pensée de Paul Vidal de la Blache* ocorrida durante o Congresso Regional da UGI no Québec, Canadá, entre 6 a 10 de agosto de 2018. Agradecemos a generosa acolhida de Guy Mercier na ocasião, bem como a recente

leitura crítica feita por Paul Claval. Uma versão em francês desse artigo será publicada (sem previsão de data) em um dossiê sobre Vidal de la Blache pelos *Cahiers de Géographie du Québec*.

Referências bibliográficas

AALBERS, Manuel B. Creative destruction through the Anglo-American hegemony: a non-Anglo-American view on publications, referees and language. **Area** 36.3, 319-322, 2004.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e outros textos**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017 [1928].

ANDRADE, Manuel C. de **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDREWS, Howard F. Les premiers cours de géographie de Paul Vidal de la Blache à Nancy (1873-1877). **Annales de géographie**, volume 95, numéro 529, p. 341- 361, 1986.

BEAUGUITTE, Laurent. Publier en temps de guerre : les revues de géographie française de 1939 à 1945. **Cybergeo**: European Journal of Geography, document 428, p.1-20, 2008.

BERDOULAY, Vincent. **La formation de l'école française de géographie (1870-1914)**. 2ème édition. Paris: Éditions du CTHS, 1995 [1981].

BOULINEAU, Emmanuelle. Um geógrafo traceur de frontières: Emmanuel de Martonne et la Roumanie. **L'espace géographique**, n° 4, pp.358-369, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, n.5, vol. 145, décembre, pp.3-8, 2002 [1990].

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Análise crítica da obra de Vidal de La Blache e de sua influência no ensino de geografia no Brasil**. Campinas: Relatório de Pós-Doutorado, Faculdade de Educação da Unicamp, 2018.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, pp.31-48, 2006 [1963].

CASANOVA, Pascale. **La langue mondiale**. Traduction et domination. Paris : Seuil, 2015.

CLAVAL, Paul. **Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours**. Paris: Nathan, 1998.

CLAVAL, Paul (Éd.). **Autour de Vidal de La Blache**. Paris: CNRS, 1993.

CLAVAL, Paul. Préface. In: VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Tableau de la géographie de la France**. Paris : Taillandier, pp.1-23, 1979.

CLAVAL, Paul. La région historique. In: Claval, Paul, Nardy, Jean Pierre (Éd). **Pour le Cinquantenaire de la mort de Paul Vidal de la Blache**. Paris : Les Belles Lettres, pp. 105-113, 1968.

DEMANGEON, Albert. Introduction géographique à l'histoire. **Annales de Géographie**, n. 32, pp.165-170, 1923.

DESBIENS, Caroline, RUDDICK, Sue. Speaking of geography: language, power, and the spaces of Anglo-Saxon 'hegemony'. **Society and Space** 24, pp.1-8, 2006.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA. Traduzido por Renato da Silveira, 2008 [1952].

FEBVRE, Lucien. **A terra e a evolução humana**. Introdução geográfica à história. 2ª ed. Lisboa: Cosmos. Traduzido por Jorge Borges de Macedo, 1991 [1922].

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. Traduzido por Paulo Cesar de Souza, (2001 [1930]).

GARCIA-RAMON, Maria-Dolores (2003) Globalization and international geography: the questions of languages and scholarly traditions. **Progress in Human Geography** 27,1.

GERMES, Mélina, HUSSEINI DE ARAÚJO, Shadia. For a critical practice of translation in geography. **ACME: an international journal for critical geographies** 15 (1), pp.1-14, 2016.

GIBBS, David; LEVASSEUR, Ernest; SLUYS, A.; VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **La enseñanza de la Geografía**. Prólogo y traducción de Angel do Rego. Madrid, Tip. de L. Faure, Ed. "La Lectura", 1911.

GÓMEZ MENDOZA, Josefina. Geografía e historia. Encuentros y desencuentros en Francia y en España a lo largo del siglo XX. **Geographia** (UFF), vol.10, n.20, pp. 7-52, 2008 [2007].

HAESBAERT, Rogério, RIBEIRO, Guilherme, NUNES PEREIRA, Sergio (orgs.) **Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

HEFFERNAN, Mike. History, Geography and the French National Space: The Question of Alsace-Lorraine, 1914-18. **Space and Polity**, 5:1, 27-48, 2001.

HEFFERNAN, Mike. The Science of Empire: the French geographical movements and the forms of French Imperialism, 1870-1920. In: SMITH, Neil, GODLEWSKA, Anne (eds.) (1987). **Geography and Empire**. Oxford: Blackwell, pp.92-114, 1987.

JORNAL **O Globo**. Disponível no site: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles- apenas-5-dominam-idioma-6239142>. Consultado em 22 fevereiro de 2020.

KEIGHREN, Innes M, ABRAHAMSSON, Christian, DELLA DORA, Veronica. On canonical geographies. **Dialogues in Human Geography**, vol 2, 3, pp.296-312, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó. Traduzido por Jess Oliveira, 2019 [2008].

LACOSTE, Yves. **A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus. Traduzido por Maria Cecília França, 1988 [1982].

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp. Traduzido por Ivone C. Benedetti. Revisado por Jesus de Paula Assis, 2000 [1998].

LEITE DE CASTRO, Christovam. Editorial. **Boletim Geográfico**, vol. 2, n.13, pp.3-4, 1944.

LIRA, Larissa A. de. A lição de abertura do curso de história e geografia da Faculdade de Nancy, de Paul Vidal de la Blache: reflexões de um historiador recém-tornado geógrafo. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 20, nov., pp.1377-1391, 2013.

LIRA, Larissa A. de. **O Mediterrâneo de Vidal de la Blache**: o primeiro esboço do método geográfico (1872-1918). São Paulo: Alameda/Fapesp, 2013a.

LIRA, Larissa A. de. **O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo**. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia. São Paulo: Dissertação de mestrado em geografia humana,

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo : N-1 Edições. Traduzido por Sebastião Nascimento, 2018 [2013].

MEGALE, Januário Francisco. **Geografia e sociologia**: introdução ao estudo de Max. Sorre. Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado, FFLCH, 1979.

MERCIER, Guy. La géographie de Paul Vidal de la Blache face au litige guyanais : la science à l'épreuve de la justice. **Annales de Géographie**, n. 667, pp.294-317, 2009.

MERCIER, Guy. Entre science et patrie. Lecture du régionalisme de Paul Vidal de la Blache. **Cahiers de Géographie du Québec**, vol. 45, n.126, déc., pp. 389-412, 2001.

MERCIER, Guy. Paul Vidal de la Blache ou la légitimation patriotique de la région et de la géographie. **Revue française de géoéconomie**, n. 5, printemps, pp. 137-146, 1998.

MERCIER, Guy. La région et l'État selon Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. **Annales de Géographie**, n.538, p. 211-235, 1995.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais**: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos. Belo Horizonte: Editora da UFMG. Traduzido por Solange Ribeiro de Oliveira, 2003 [2000].

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial. Traduzido por Sylvia Jawerbaum y Julieta Barba, 2007 [2005].

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais**: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos. Belo Horizonte: Editora da UFMG. Traduzido por Solange Ribeiro de Oliveira, 2003 [2000].

MINCA, Claudio. Venetian geographical praxis. **Society and Space** 18, pp. 285-289, 2000.

MORAES, Antonio C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos (A renovação da Geografia no Brasil no período de 1978-1988). **Geographia** (UFF), ano II, n. 3, pp.27-49, 2000.

- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia?** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- OTTONI, Paulo. **Tradução manifesta: double blind & acontecimento.** São Paulo: Editora da Unicamp/Edusp, 2005.
- OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic, ROBIC, Marie-Claire. La France au seuil des temps nouveaux. Paul Vidal de la Blache et la régionalisation. **L'Information Géographique**, vol. 59, pp.46-56, 1995.
- PAES, Maria T. D., CORRÊA, Antonio C. de B., MARAFON, Gláucio J. **Documento de área. Área 36: Geografia.** MEC/CAPES/DAV, 2019.
- PENHA, Eli A. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo.** Rio de Janeiro: IBGE, Documentos para Disseminação - Memória Institucional, 1993.
- PORTER, Dennis. Psychoanalysis and the task of the translator. **MLN**, Vol. 104, No. 5, Comparative Literature, Dec., pp. 1066-1084, 1989.
- QUEIROZ, Guilherme de O. **A política em Paul Vidal de la Blache: resgate de um ponto-chave.** Campos dos Goytacazes: Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFF, 2018.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (orgs.). **Epistemologias do Sul.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, p.73-118, 2010.
- RATZEL, Friedrich. **Textos selecionados.** Org. de Antonio C. R. Moraes. São Paulo: Ática, 1990.
- RECLUS, Élisée. **Textos selecionados.** Org. de Manuel Correia de Andrade. São Paulo: Ática, 1985.
- RIBEIRO, Guilherme. Translation, circulation of knowledge and history of geographical thought: a preliminary study of the Brazilian journals from 1939 to nowadays. Warsaw: **17th International Conference of Historical Geographers**, p. 819-819, 2018.
- RIBEIRO, Guilherme. Vidal de la Blache, Ciência e Política: notas a partir do caso africano. **Confins** (Paris), 12, p. 1-6, 2011.
- RIBEIRO, Guilherme. La géographie vidalienne et la géopolitique. **Géographie et Cultures**, n.75, pp.247-262, 2010.
- RIBEIRO, Guilherme. Para ler Geografia ou A Geografia segundo Lucien Febvre. **Terra Livre**, n. 32 (1), pp.121-136, 2009.
- RIDING, Alan. **Paris, a festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4.** São Paulo: Companhia das Letras. Traduzido por Celso Nogueira e Rejane Rubino, 2012 [2010].

ROBIC, Marie-Claire. Un système multi-scalaire, ses espaces de référence et ses mondes. L'Atlas Vidal-Lablache. **Cybergeo**: European journal of geography, n.265, Journée à l'EHESS : Échelles et territoires, pp.1-19, 2004.

ROBIC, Marie-Claire (dir.). **Le Tableau de la géographie de la France de Paul Vidal de la Blache**. Dans le labyrinthe des formes. Paris: Éditions du CTHS, 2000, pp. 7-17, 2000.

RODRIGUES, Lidiane Soares. Centralidade de um cosmopolitismo periférico: a "Coleção Grandes Cientistas Sociais" no espaço das ciências sociais brasileiras (1978-1990). **Sociedade e Estado**, vol.33, n.3, pp.675-708, 2018.

SANGUIN, André-Louis. **Vidal de la Blache**. Un génie de la géographie. Paris: Belin, 1993.

SANTORO, Fernando, BUARQUE Luisa. Prefácio da edição brasileira. In: CASSIN, Barbara. **Dicionário dos intraduzíveis**: um vocabulário das filosofias. Volume Um: Línguas. Organização de Fernando Santoro e Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica, pp.5-15, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.

SILVA, Moacir. A geografia na literatura de ficção. **Boletim Geográfico**, vol. 6, n.66, pp.3-4. pp.557-570, 1948.

SODRÉ, Néelson W. **Introdução à Geografia**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SORRE, Max. **Textos selecionados**. Org. de Januário Megale. São Paulo: Ática, 1984.

SOUBEYRAN, Olivier. **Imaginaire, science et discipline**. Paris: L'Harmattan, 1997.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Por uma ética da diferença. São Paulo: Unesp. Traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica : Stella Tagnin, 2019 [1998].

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Principes de géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1922.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Sur l'esprit géographique. **Revue politique et littéraire** (Revue Bleu), n. 13, 1er sem., 52e année, 2 mai. Paris: Bureaux de la Revue Politique et littéraire (Revue Bleu) et de la Revue Scientifique, pp. 556-560, 1914.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Des caractères distinctifs de la géographie. **Annales de Géographie**, année XXII, n.124, pp.289-299, 1913.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Sur le sens et l'objet de la géographie humaine. **Revue politique et littéraire**, n.17, année L, avril pp.513-515 et pp.548-551, 1912.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. L'enseignement de géographie à l'École. **Manuel général de l'instruction primaire**, n.3 et 4, tome XLIV, 19 et 26 Octobre, pp.33-35 et 49-51, 1907.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. I. — Préparation préalable des étudiants. **Revue internationale de l'enseignement**, tome 42, Juillet-Décembre, pp. 304-306, 1901.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. L'éducation des indigènes. **Revue Scientifique** (Revue Rose), numéro 12, 4ème série, tome VII, 20 mars, pp.325-360, 1897.

Guilherme da Silva Ribeiro - Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e pós-doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido para publicação em 21 de novembro de 2020

Aceito para publicação em 10 de dezembro de 2020

Publicado em 19 de dezembro de 2020